



CORPO DE DELITO

Palavras à beira do caos

Ela fala, fala, procura com as palavras dobrar a dor, preencher a ausência, adiar ou enganar o caos – o caos do fim da memória, o caos da extinção



Rui Patrício

Os parisienses gostam tanto de esplanadas, que no tempo frio enchem os passeios de marquises. Envidraçadas ou plastificadas, as esplanadas estão tão cheias no Inverno como no Verão. Numa delas, num café da Place St. Michel, ainda no Inverno, à tardinha, chega uma senhora, já bem entrada nos 70, ou mesmo nos 80, e – não sem custo – senta-se a uma das poucas mesas livres. Pede um refrigerante e diz ao empregado que está à espera de alguém. Diz várias vezes “merci beaucoup”, o que repete quando ele lhe traz a bebida. Na mesa ao lado está um casal muito jovem, que – quando ela se senta – a ajuda a ajeitar o espaço para a cadeira. A eles também lhes agradece, várias vezes. O olhar é triste, os gestos lentos, a cabeça tre-

me-me ligeiramente, mas o que chama a atenção é o facto de ela agradecer tantas vezes, como se agradecesse mais do que o refrigerante ou a ajuda dos jovens, como se agradecesse estar ali, ou pedisse desculpa por estar ali.

Largos minutos depois levanta-se e vai para a porta da esplanada, e aí fica, falando e acenando a um senhor, que aparenta ainda mais idade que ela, e que a olha de uma forma que parece não a ver. Os olhos orientam-se na direcção dela, mas o olhar é vazio. Ele não se move, e ela fala-lhe cada vez mais alto e gesticula com frenesi, suplicando com os gestos e o olhar. Ele continua imóvel, parece que não a reconhece. Ela acaba por ter de deixar o meio aconchego da porta entreaberta, sai para o frio, pega-lhe no braço e trá-lo, muito lentamente para dentro. Ele, apurado no fato domingueiro, mantém o olhar vazio e senta-se. Tem certamente uma daquelas doenças que nos tiram o que mais faz de nós humanos: a memória. Duvido que ele saiba quem ela é, duvido que ele saiba que ela é a sua mulher. Ele está ali, mas é como se não estivesse. Ela pede uma bebida para ele, continua a dizer várias vezes “merci

beaucoup”, quer para o empregado, quer para os jovens que novamente ajudam a arrumar o espaço disponível. E ele como se nada fosse; julgo que para ele nada é, só o olhar vazio, só o estar e não estar ali, como noutra lugar qualquer, com ela como com outra pessoa qualquer, privado – para sempre – daquilo que outrora fez dele um homem e que Salvador Dalí usou para título de um dos seus mais célebres quadros: a persistência da memória. Lado a lado, dois pares. Um par de jovens, cheios do licor dos 20 anos do poema de Apollinaire, cheios de memória e ávidos de a preencher. E um par de velhos, ele ausente, ela agradecendo, a todos, repetidas vezes, e falando constantemente para ele. Ela nunca deixa de falar para ele, quando vai buscá-lo à rua, quando o traz, quando estão sentados. Ela agradece estar ali, poder estar ali, apesar de tudo; ou pede desculpa por isso. E fala, fala, procura com as palavras dobrar a dor, preencher a ausência, adiar ou enganar o caos. O caos do fim da memória, o caos da extinção. Palavras – muitas, ininterruptas, numa súplica, numa ilusão – à beira do caos.

Advogado. Escreve ao sábado

